

Saúdam a Rainha Do Mar: a Festa de Iemanjá, o Sagrado e os Efeitos da Indústria Cultural na Industrialização de Manifestações Culturais¹

Júlia Pereira da Silva CORREIA²

Caio Dos Santos CUNHA³

Raildo Henrique Araújo FILHO⁴

Bruna Gomes Lopes Sampaio SILVA⁵

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo discutir o contexto da festa de Iemanjá na prática de religiões brasileiras de matriz africana. A festa de Iemanjá em suas comemorações tem referências distintas em suas manifestações. Em Salvador, comemora-se o dois de fevereiro como forma de reverência à "Rainha do Mar". Sua aproximação com a classe pescadora e a influência das religiões de matriz africanas pelo sincretismo, tornam Iemanjá a mais popular Orixá do Brasil. Nesse sentido, é introduzida a indústria cultural e seu impacto nas manifestações culturais, sendo feita uma análise espaço-temporal sobre a industrialização dos festejos de Iemanjá na cidade de Salvador.

PALAVRAS-CHAVE: festa de Iemanjá; indústria cultural; cultura popular; industrialização cultural.

INTRODUÇÃO

Iemanjá, também conhecida como Janaína e Inaê, é uma entidade africana muito popular no Brasil. Seu nome é suportado por inúmeras narrativas, assim como sua origem como orixá. No entanto, diversos pesquisadores de religiões brasileiras de matriz africana apontam um consenso a respeito da referência à figura materna, que é vista como a mãe de todos. A entidade é admirada não só por adeptos das referidas religiões como por religiosos diversos.

A popularidade de Iemanjá se reflete em várias celebrações em todo o país e podem ser aprofundadas por meio de pesquisadores como Edson Carneiro(1991), Raul

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 8º. Semestre do curso de Comunicação Social com Habilitação em Relações Públicas da UNEB, e-mail: juuuliapereira@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 4º. Semestre do curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: caiodscunha@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 4º. Semestre do curso de Relações Públicas da UNEB, e-mail: raildohenrique25@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Relações Públicas da UNEB, email: bglssilva@uneb.br.

Lody(1995), Edilece Couto(2010) e João Simões Cardoso Filho(2011). No entanto, a celebração em Salvador, reconhecida por decreto como patrimônio histórico e cultural da cidade, é especialmente significativa: envolve uma grande procissão anual pelas ruas da cidade no dia 2 de fevereiro, presentes, preparação de comidas tradicionais, orações e entrega de oferendas nas praias.

A festividade além de simbolizar a continuidade das tradições africanas no Brasil fortalecendo a cultura negra e proporcionando uma conexão com as raízes culturais e religiosas, têm clara influência social, econômica e cultural que ultrapassa a religião.

INDÚSTRIA CULTURAL E A RELAÇÃO COM CULTURA POPULAR

O conceito de indústria cultural surge a partir do desenvolvimento dos intelectuais da Escola de Frankfurt, tais como Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Adorno (1903-1969), autores de “Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos”, publicado em 1972. A indústria cultural tem fundamentação na realização artística, que visa a criação de produções culturais a serem mercantilizadas conforme a alienação do indivíduo pelo produto. É estabelecida a relação entre a produção cultural industrial e a indústria capitalista. Segundo Coelho (1980), a indústria cultural, os meios de comunicação e de massa, e a cultura de massa surgem como funções do fenômeno da industrialização. Sob essa ótica, os princípios de produção capitalista são aplicados: a divisão do trabalho e a exploração do trabalhador na produção econômica, resultantes na oposição e lutas de classes.

Há, entre o eixo de discussão do produto cultural a ser estudado, rotulações de classes culturais relacionadas à indústria cultural e a cultura popular. Para Jonathan H. Turner “cultura é um sistema de símbolos que uma população cria e usa para organizar-se, facilitar a interação e para regular o pensamento” (1994, p. 46) e a cultura popular utiliza destes símbolos para caracterizar crenças, tradições, valores e projetos políticos como forma de identidade e pertencimento de uma população. É importante, nesse momento, salientar que a cultura popular não é necessariamente uma cultura de massa (ou cultura pop), mas esta segunda pode vir a alterar a composição de algumas tradições da primeira.

A cultura popular também se apresenta como oposição da cultura erudita em suas interações e suas especificidades. Uma vez que a cultura popular se origina do diálogo entre ancestralidade e cultura nacional, sua mercantilização é inexpressiva, comparada à cultura de elite que tem sua origem pautada no padrão artístico eurocentrista.

PRIVATIZAÇÃO DOS FESTEJOS

. Uma das principais preocupações com a indústria cultural na festa de Iemanjá é a homogeneização da celebração com o intuito de atingir o maior número de pessoas. Além disso, como a indústria cultural visa a maximização dos lucros e isso pode levar à substituição de elementos tradicionais da festa por atividades mais comerciais, como shows e festas na praia. Durante o período pré-festejo de Iemanjá é possível observar nas mídias tradicionais ou mesmo nas redes sociais uma ampla divulgação de eventos privados no Rio Vermelho, bairro de Salvador onde a festividade oficial se concentra, tendo como temática Iemanjá, embora a festa principal seja aberta a todos, empresas com fins lucrativos oferecem uma experiência “otimizada” com intuito de atrair turistas.

A privatização, processo de transferência da propriedade ou gestão de bens públicos ou serviços de para empresas ou indivíduos privados, no caso da festa de Iemanjá ocorre também através da venda de direitos de exclusividade no circuito da festa. No ano de 2023, a Ambev fechou um contrato de exclusividade com a prefeitura de Salvador no circuito da festa de Iemanjá, o que significa que é a única empresa permitida a vender bebidas durante a festa. Isso tem trazido algumas questões sobre a influência da indústria na festa e sobre como a exclusividade pode afetar a tradição cultural. Uma das principais preocupações é sobre a limitação da diversidade de bebidas disponíveis durante os festejos, isso pode prejudicar a experiência dos participantes e limitar a capacidade de experimentar novas bebidas, prejudicando a economia local. Outra preocupação é que a influência da Ambev na festa pode levar a uma comercialização excessiva, isso pode ameaçar a autenticidade da tradição cultural e prejudicar a relação dos participantes com os festejos, que podem sentir que a festa se tornou mais uma oportunidade da empresa promover seus produtos do que a celebração do dia da orixá.

A segurança é uma questão crítica em evento público, e a festa de Iemanjá não é uma exceção. Com o aumento do número de participantes e visitantes, é importante garantir que a segurança seja priorizada para garantir a integridade física e emocional dos

participantes, essa presença de grandes multidões e a natureza do evento são fatores importantes para garantir a presença de policiamento adequado para prevenir incidentes como furtos, roubos, agressões e conflitos. Além disso, é importante garantir a presença de equipes médicas para garantir o atendimento a possíveis lesões e incidentes de saúde.

Outra preocupação é a segurança do tráfego de embarcações. É comum que haja uma grande quantidade de barcos circulando nas águas, o que pode representar um risco à segurança dos participantes. É fundamental que haja medidas de segurança adequadas para prevenir acidentes, como a fiscalização do cumprimento da regulamentação do tráfego de embarcações e a presença de equipes de resgate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Festa de Iemanjá é uma manifestação cultural rica pela sua diversidade e profunda pela sua devoção ao sagrado. É celebrada por muitas pessoas em Salvador e em outros lugares no Brasil, sendo importante manifestação religiosa para a cultura afro-brasileira. Embora a indústria cultural tenha se tornado cada vez mais presente neste e em outros festejos, é importante lembrar que a essência deste evento é o sagrado e o respeito à Rainha do Mar.

A indústria cultural pode ter um impacto significativo na industrialização de manifestações culturais, incluindo a Festa de Iemanjá. Por um lado, a privatização e a comercialização excessiva, podem levar à perda da autenticidade da tradição através da homogeneização com o objetivo de atrair mais pessoas e à sua transformação em uma atração turística superficial. Por outro lado, a indústria cultural pode ser uma força positiva para preservar e promover a tradição, desde que sejam feitos esforços para equilibrar as necessidades econômicas com a preservação da cultura.

Em última análise, é importante lembrar que a Festa de Iemanjá é um evento sagrado que deve ser celebrado com respeito e reverência, independentemente da influência da indústria cultural. A preservação da tradição e o respeito aos valores sagrados devem ser prioridades na celebração deste importante evento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Th. W. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

CARDOSO FILHO, João Simões. Festival de Iemanjá. Uma festa afro-religiosa em Belém do Pará. X Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 7 a 10

ago. 2011. Disponível em:

http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1305507426_ARQUIVO_XICONLABArtigo.pdf. Acessado: 29 jan. 2023.

CARNEIRO, Edson. *Religiões Negras, Negros Bantos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

COELHO, TEIXEIRA. Sensibilidades in *Revista Imagens*, ri. 1, abril de 1994, Campinas, Editora Unicamp. *O que é indústria cultural*. 17 ed. São Paulo, Brasiliense, 1995.

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de Festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. Salvador: Edufba, 2010.

DE AGUIAR, Janaina Couvo Teixeira Maia. “No caminho das águas tem presentes no rio, tem festa no mar”: o hibridismo cultural nas festas de Iemanjá e Oxum em Salvador e Aracaju. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, v. 18, n. 3, p. 1161-1181, 2014.

DE QUEIROZ, Mércia Maria Aquino. *Folias Divinas em Redes: Patrimônio Imaterial, Gestão Cultural e Economia Criativa na Festa de Iemanjá em Salvador*. Pinaúna Editora, 2023.

DE SOUSA, Rodrigo Franklin. Símbolos, Memória e a Semiótica da Cultura: a religião entre a estrutura e o texto. *Estudos de religião*, v. 29, n. 1, p. 70-86, 2015.

FONTELES, José Osmar. Comunidade de pescadores de Jericoacoara-Ceará entra na rota turística. In: VASCONCELOS, Fábio Perdigão (org.). *Turismo e Meio Ambiente*. Fortaleza: Editora Funece/Universidade Estadual do Ceará, 1999.

GARCIA, Canclini Nestor. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. de Ivone Castilho. São Paulo: EDUSC, 2001.

LACERDA, Ariomar. *Yemanjá, A Rainha do Mar*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

LODY, Raul. *O Povo do Santo. Religião, História e Cultura dos Orixás, Voduns, Inquices e Caboclos*. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro. PEREIRA, Cesar de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador. 2007.

SALVADOR. Lei Nº 4390, de 06 de novembro de 1991. Define no calendário municipal as festas populares e dispõe sobre sua organização. Salvador, BA: Diário Oficial da União, 1991.

SERPA, Angelo. Experiência e vivência, percepção e cultura: uma abordagem dialética das manifestações culturais em bairros populares de Salvador-Bahia. Curitiba, n. 8, p. 19-32, 2004. Editora UFPR.

TURNER, Jonathan H. Sociologia de conceitos e aplicações. São Paulo: Ed Markon, 2000.

VALLADO NETO, Antonio Armando. Iemanjá, a grande mãe africana do Brasil: mito, rito e representação. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. . Acesso em: 05 maio 2023.